

1) *Negritude antiga e negros modernos ou quem é negro?*

Um desafio para quem estuda os textos antigos é conseguir localizar-se na espiral ou no círculo hermenêutico, sem inserir os pressupostos modernos no mundo antigo. Um exemplo disso é o problema que vários pesquisadores têm com a questão da presença negra no AT. Existem vários exemplos nos quais o racismo moderno foi imposto aos textos antigos. Também é importante lembrar que as categorias modernas não necessariamente significavam as mesmas coisas que elas indicam hoje. Na questão de raça, Frank Snowden, nos seus livros *Blacks in Antiquity* e *Before Color Prejudice*, entre outros, ilustra muito bem que era a cidadania e não a cor da pele a base de qualquer hierarquia social. Esta diferença diacrônica é importante, mas também é necessário estar consciente das diferenças sincrônicas. Quem é negro nos EUA, pode não ser negro no Brasil ou na África do Sul, ou no Zimbábue. Então, neste artigo, vou tratar dos negros a partir do meu contexto norte americano. Isto é, quem tem qualquer raiz africana é negro ou negra. Você pergunta porquê? Faço isto para deixar bem claro o meu contexto de referência e porquê o que estou procurando neste ensaio é uma base a partir da qual possa falar sobre as raízes africanas do AT.

2) *Genealógicamente*

O jeito mais fácil de falar em negritude na Bíblia é a partir da genealogia. Existem várias referências no AT às origens estrangeiras de uma personagem ou outra na história israelita, o povo santo. Frequentemente se comete o erro de imaginar que o povo santo era um povo de uma raça/etnia só. Com certeza, o mito de origem mais citado é de uma família com um pai comum e várias mães.

Historicamente, o que fez o povo santo não foi a ligação sanguínea, mas a fé compartilhada num Deus supremo que entra ao seu lado e uma união geopolítica. Israel nunca fora, em nenhum momento, uma união exclusivamente familiar. O ponto que confunde está baseado numa ligação falsa entre a estrutura privada e a estrutura pública. É claro que a grande maioria das histórias mostra uma ligação familiar, baseada numa conexão epônoma com o "pai" Israel, mas a verdade é que também há muitas histórias-chaves que exibem a integração dos estrangeiros e das estrangeiras na família sagrada. Uma história bem conhecida é o casamento de José com Asenete, a filha de Potifera, um sacerdote egípcio. Estes dois filhos, Efraim e Manasses, produtos de uma união entre um filho de Israel e uma egípcia, se integraram às tribos de Israel sem qualquer problema. Outra maneira de demonstrar isso, seria através dos filhos africanos de José. Estes foram aceitos dentro da família sem receio algum. O texto não recua ao falar neles como Israelitas. Eles foram



Madonna negra

totalmente integrados como descendentes de Israel. Um outro exemplo deste fenômeno é mais especulativo. Envolve o casamento de Moisés com a etíope. Não há consenso entre os pesquisadores e as pesquisadoras sobre a pergunta se esta mulher do líder durante o Êxodo era 1) a primeira ou 2) a segunda mulher dele ou 3) se ele só tinha uma mulher que alternativamente é designada como midianita e etíope. Do meu ponto de vista, não existe como resolver esta questão. Mas isto não impede o uso da imaginação. Se esta etíope, em Números, for a primeira mulher de Moisés, quero dizer, a mulher com quem ele casou-se antes de fugir para o deserto, pode ser que este casamento tenha gerado filhos. Se ela é mencionada num texto que está situado durante o Êxodo, é lógico entender que se existiram filhos, eles também se integraram às tribos. Neste caso, na tribo de Levi, a tribo sacerdotal. Pela mesma lógica, se ela for a segunda mulher de Moisés, também é bem possível que eles tenham gerado filhos, os quais assumiram seu lugar na família Levitical. Finalmente, existe a possibilidade de que Zípora e a etíope sem nome sejam a mesma mulher. Existe uma linha de pensamento que reconhece a influência e o domínio da Etiópia nos dois lados do Mar Vermelho. Esta linha possibilita a conclusão de que os midianitas foram vassallos das dinastias etíopes.

Pressupondo que esta possibilidade seja plausível, existe a possibilidade de que os filhos de Moisés mencionados na Bíblia sejam metade etíope. Isto admitiria mais algumas pessoas negras numa outra tribo israelita.

3) Geograficamente

Também é necessário falar em negritude no AT em termos de geografia. Um dos maiores impedimentos para boa leitura do AT é a falta de reconhecimento da área na qual as histórias se encontram. Um dos fundamentos desta barreira é a europeização do Egito e seus vizinhos. Martin Bernal, autor de *Black Athena: the afro-asiatic roots of classical civilization* já ilustrou como se lê, inconscientemente, ou inventa um mundo mediterrâneo nos lugares nos quais devemos e podemos ler e resgatar um mundo afro-asiático. Quero dizer que o mundo da maior parte do AT e suas histórias era um mundo que antecipava as culturas européias que se desenvolveram nos séculos posteriores. Os povos do Egito e Cuch (Etiópia), juntamente com as sabedorias dos mesopotâmicos, educaram os gregos e os romanos nas artes, esporte, matemática, astronomia e outras ciências. Os gregos reconheceram isso. Hoje está esquecido. Dê uma olhada na sua Bíblia. Ela tem um mapa? Boa parte dos mapas nas Bíblias

mostra um Egito desconectado do restante da África. Mas os egípcios foram africanos, e africanos negros. Nas próprias representações dos egípcios, eles se mostram com pele morena e até negra. A 25ª dinastia é bem conhecida como a dinastia nubiana ou cuchita, mas ela não foi a única que teve faraós negros e rainhas negras.



Ressurreição de Lázaro. Henry O. Tanner

Então, um primeiro passo para entender como a localização geográfica pode indicar a negritude do AT, é entender que Egito era e é um país Africano e negro. Isto quer dizer que quase metade da existência do povo santo, que tem como história ou mito de origens uma imagem de família, está localizada na África. O melhor exemplo disso é o fato de que, apesar de ser reportado que Abrão teve raízes genéticas na Mesopotâmia, ele reconhece raízes culturais e econômicas ali no Egito. Uma ilustração disso, é a repetição de que várias pessoas compartilham a vida egípcia. Quando entraram em crise, desceram para o Egito, não voltaram para Ur. E, durante todo tempo da existência do Reino do Sul, a principal influência política nas vidas hebréias, judaitas ou israelitas foi sempre o Egito. Com isto quero dizer que a cultura que moldou a cultura israelita foi uma cultura africana. Apesar de vários textos bíblicos fazerem questão de mostrar as distinções entre a cultura israelita e a cultura dominante, a evidência arqueológica e as evidências entre linhas demonstram muitas ligações entre Israel e Egito. O Egito tocava a música, Israel dançava.

4) Mitologicamente

Um mito é uma história que demonstra como um povo explica sua condição no mundo. Normalmente, não é uma história de fato, mas também não é uma coisa inventada do nada. O mito da identidade de um povo ou de um grupo são lembranças fortes, são lembranças fantásticas que ilustram, por exemplo, como Deus resgatou este povo quando estava em apuros. Em certo sentido, o mito é a memória comunitária. A questão é: "Quais são as verdades que um mito pode nos revelar?" Várias vezes, a resposta depende da metodologia de pesquisa. Um olhar antropológico verá respostas diferentes de um olhar lingüístico. Não há uma resposta fixa; é uma questão de bom senso e

equilíbrio entre as leituras possíveis. Por exemplo: é possível entender, a partir do segundo relato da criação em Gênesis 2.4bss, que o ser humano feito de argila foi negro? Ou podemos dizer pelo menos que ele não foi branco? Se o ser humano foi percebido como sendo formado da terra, deveria ser entendido que ele terá a cor de pele mais ou menos nos tons da cor da terra. E o que podemos fazer com a palavra hebraica *àdamâ* que certamente está ligada com a palavra *èdôm*, que é freqüentemente traduzida por vermelho ou avermelhado. Sem resolver a questão da cor da pele do primeiro ser humano ou extrair percepções culturais dos textos mitológicos, avanço para questão da percepção dos autores israelitas sobre as etnias circundantes. Os mitos das origens dos israelitas se concentram nos primeiros 11 capítulos de Gênesis. No fim da história do dilúvio, encontramos somente 4 homens na planeta terra: Noé, seus três filhos e suas respectivas mulheres. Três casais vão dar à luz a todos os seres humanos conhecidos nos tempos dos autores javista-elohista (10° 9° séculos) e sacerdotais (5° século a.C.). O mito que eles usaram reconheceu uma irmandade entre todos os seres humanos. Também reconheceu algumas diferenças entre os povos e culturas. Na verdade, parece que eles reconheceram 3 grandes grupos "raciais" que os primeiros antropólogos adotaram: asiático, africano e europeu. Lendo o texto, logo percebemos que Shem (aquele com nome?) é nosso povo, Xam (o queimado?) é o pai dos africanos e dos cananeus, e Jafé é o pai dos europeus. Interessante, é que os últimos quase não entram na história veterotestamentária. Agora, há a necessidade de ler estes textos com olhos modernos, mas de uma forma que tenha ligação com os olhos antigos. Os filhos de Shem e Xam estavam em contato constante, percorrendo o mundo do AT. A arqueologia demonstra que as semelhanças nas culturas físicas quase impossibilitam uma distinção entre um sítio cananeu e um

sítio israelita. Já foi discutida a influência dos egípcios na vida e cultura israelita. Além disto, em várias ocasiões a história revela que os próprios líderes se casaram com mulheres cananéias. Quero dizer que temos exemplos de líderes israelitas se juntando com descendentes dos africanos. Cito como um exemplo o caso de Judá. Em Gênesis 38, após o abuso de José nas mãos dos irmãos invejosos, Judá separou-se dos irmãos e conviveu com os cananeus na região de Odolam. As circunstâncias da história são peculiares, mas ficou claro que ele casou com uma mulher da região, e eles geraram três filhos. Os primeiros dois filhos casaram-se, em seqüência, com uma mulher de nome Tamar. Não temos nenhuma menção de que o primeiro filho, infeliz tenha voltado para os familiares para unir-se com uma prima. Daí, é justo pressupor que ele, assim como seu pai, casou-se com uma nativa da região. Quando Her, o irmão mais velho e primeiro marido da Tamar, faleceu, o segundo irmão, Onã, tomou sua cunhada. Ele abusou dela e faleceu. Anos depois, o próprio Judá teve relações com sua nora. Finalmente foram gerados filhos gêmeos que preservaram a linhagem familiar de Judá. Quero dizer com

isto, que é através de uma cananéia abusada e ousada que a tribo de Judá manteve-se viva. Mais explicitamente, uma mulher negra preservou o povo de Judá.

5) Teologicamente

Vou resumir esta linha de argumentação e dirijo os/as leitores ao trabalho do teólogo norte americano James Cone (*God of the Oppressed/Deus dos Oprimidos*). Cone, que se alimentou com refeições intelectuais de Paul Tillich e Karl Barth, além de outros gigantes da tradição norte-atlântica, equilibrado pelas tradições da Igreja Metodista Africana e pelas leituras revolucionárias da década de sessenta, desenvolveu um linha de pensamento bem paralela a da Teologia da Cruz. Embarcando no livro do Êxodo, a teologia de Cone achou um jeito de juntar todos os oprimidos do mundo sob a bandeira da negritude. Para James Cone, ser oprimido foi o mesmo que ser Negro. Foi um passo necessário naquele tempo. Concordo teologicamente com o Dr. Cone, mas acho que uma leitura teológica de raça tem seus problemas. Como eu trabalho com a Bíblia e a história, vou deixar esta discussão por os teólogos e as teólogas sistemáticos.

6) Conclusão

É possível e necessário sistematizar os jeitos de pensar as raízes africanas dos povos do AT. Temos meios genealógicos, geográficos, mitológicos ou teológicos. Esses meios são ferramentas a mais na oficina da pessoa tentando ver o mundo veterotesamentário na sua plenitude.



Batismo - "I Baptize Thee", William H. Johnson